

humanitas

Vol. V-VI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. II E III DA NOVA SÉRIE
(VOLS. V E VI DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLIII-IV

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS

O Instituto de Arqueologia, recentemente criado na Faculdade de Letras, iniciou as suas actividades com a organização de um Museu Didáctico de Arqueologia (em que se reunirão os materiais provenientes dos trabalhos efectuados nos terrenos que a Faculdade possui em Conimbriga, e outros conjuntos e peças características — originais e moldagens — de várias épocas e culturas), e ainda com a recolha de elementos para a elaboração da carta arqueológica do distrito de Coimbra.

No seu programa de trabalhos incluem-se também: a organização de um arquivo fotográfico e de uma biblioteca especializada, a execução de prospecções e escavações com a colaboração dos alunos de arqueologia, e a preparação de trabalhos monográficos.

J. B. O.

CRÓNICA DO INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

Sessões culturais—No prosseguimento do plano de actividades previamente delineado, o Instituto de Estudos Clássicos tem continuado a promover sessões, destinadas a focar aspectos vários da civilização grega e latina, de molde a ampliar os conhecimentos dos alunos, a difundir a cultura e fomentar o interesse por estes assuntos entre os estudantes de quaisquer cursos.

Dessas sessões, a cargo de quem subscreve estas linhas, realizaram-se duas no ano lectivo de 1952-53. Na primeira, que se efectuou no dia 19 de Março, versou-se o tema: *A Roma antiga na Roma de hoje*. Depois de algumas breves considerações

sobre o assunto escolhido, traçou-se um rápido esboço da história de Roma na Antiguidade, marcando as metas principais da sua evolução topográfica — a povoação do Palatino em 900 A. C. ; a fundação atribuída a 753 A. C.; o *Septimontium*; a cidade das quatro regiões; as muralhas de Sêrvio Túlio; as 14 regiões de Augusto; a Roma imperial; pontes, aquedutos, população. Passando à descrição dos monumentos

— dentre os quais se escolheram os mais bem conservados e aqueles que ao valor arqueológico reúnem o artístico e o histórico-literário — deram-se algumas noções sobre os materiais empregados, desde a tufa e peperino ao travertino, tijolo e mármore, e os métodos de construção.

Apresentou-se então o plano a seguir, para melhor se poderem localizar os edificios descritos. Começou-se pelo Palatino, fazendo especial referência ao livro VIII da *Eneida* e às tentativas das escavações em curso e em projecto, à *Domus Augusta*, aos palácios imperiais e à *Domus Aurea* de Nero. A seguir, o Capitólio, com os alicerces do templo de Júpiter Capitolino, as estátuas de Castor e Pólux, provenientes do teatro de Pompeio, e a de Marco Aurélio (todas enquadradas no conjunto arquitectónico renascentista formado por Miguel Ângelo), a rocha Tarpeia e o exemplo único de habitações em *insula*. Da colina sagrada desceu-se ao *Forum Romanum*, do qual se historiaram e descreveram, sumariamente, o *Porticus Deorum Consentium*, o *Templum Saturni*, o *Tullianum*, a *Cúria*, o Arco de Septímio, o Templo de Castor, a casa das Yestais, Basilica de Maxêncio e Constantino, Arco de Tito, etc.. Com estes lugares se relacionaram, sempre que possível, as figuras principais da história de Roma. Falou-se ainda dos *fora* imperiais, em especial do de Trajano, com a sua coluna e os restos dos mercados. Com um pouco mais de demora, se tratou do *Colosseum* e do harmonioso Arco de Constantino. As referências ao Esquilino comportaram apenas uma menção do *Auditorium* de Mecenas e da Basilica da *Porta Maggiore* e seus problemas religiosos. Do Viminal e Quirinal, com o esplendor das Termas de Diocleciano, passou-se ao *Campus Martius* e aos seus grandes monumentos : o Mausoléu de Augusto, a *Ara Pacis* e o Panteão. Um excursão ao Transtiber permitiu uma evocação dos jardins de César, Cleopatra, Clódia e Márcia, e um exame ao obelisco de Nero e ao *Castel Sant'Angelo*. Regressando à margem esquerda do Tibre, pôde ainda apresentar-se o Teatro de Marcelo, o templo redondo chamado de Vesta e as recentes escavações da *Piazza Argentina*. Passando pelo Célio e pela colina dos templos — o Aventino (onde teria sido cantado o *Carmen Saeculare* de Horácio) —, aludiu-se

à Pirâmide de Céstio, ao estado actual do Circo Máximo e às famosas ruínas das termas de Caracala.

Para terminar, os monumentos funerários da *Via Appia*, em especial o túmulo dos Cipiões — com o seu interesse para a epigrafia e para o conhecimento do latim arcaico — o de Cecília Metella, os *columbaria* e, enfim, as catacumbas, de onde, com a nova religião, ha-de mais tarde, surgir à luz do dia uma arte nova.

Um mapa, com a localização dos monumentos, e grande número de fotografias dos mesmos foram ilustrando e precisando este comentário das preciosidades da Roma antiga.

Em 10 de Maio efectuou-se a segunda sessão, esta consagrada ao tema: *A olaria grega; sua importância artística e documental*. Na introdução definiu-se o interesse artístico da cerâmica helénica (intrínseco e como substituto da pintura desaparecida) e documental — pelas imagens que reflecte da vida da Grécia antiga e pelo interesse *filológico (inscrições que não raro facilitam o conhecimento dos dialectos e da fala popular). Tratou-se depois da importância que se tem dado a esta divisão dos estudos clássicos — a ponto de na Universidade de Oxford lhe consagrarem dois cursos anuais — do *Corpus Vasorum Antiquorum* e das colecções e museus principais onde se guardam as peças encontradas. A parte que se seguiu ocupou-se principalmente com a manufactura dos vasos gregos e suas formas, o oleiro e o pintor, considerando neste último o problema das assinaturas, da identificação dos artistas, tal como está posto depois dos trabalhos famosos do Prof. J. Beazley, e das designações com que se distinguem. Na segunda parte, historiou-se a evolução do estilo, desde o período geométrico, passando pelo período orientalístico, aos vasos áticos, de figuras negras, de figuras vermelhas e *lekythoi*, para concluir com os das colónias

—especialmente os italiotas (da Campânia, Apúlia, Paestum *ephyakes*)— e os helenísticos. De todas estas modalidades se apresentaram copiosos exemplos, entre os quais figuravam alguns dos mais belos espécimes, daqueles que, na verdade, nos fazem afirmar que, na Grécia antiga, a cerâmica não desempenhou, como nos outros países, apenas um papel decorativo e utilitário, mas constituiu, verdadeiramente, um capítulo único na História da Arte.

Em 1954, realizaram-se mais três sessões, que constituíram uma espécie de ciclo de palestras sobre os monumentos da Grécia antiga. Para começar, no dia 4 de Fevereiro desenvolveu-se o tema: *A antiga Atenas*. A exposição foi precedida de um esboço da história de Atenas,

apontando as metas principais : habitação no neolítico, época micénica, dos Pisístratos até à invasão persa, época de Péricles, período romano, dominação bizantina e turca, independência da Grécia, Atenas actual. Regressando à cidade antiga, entrou-se no tema escolhido para a sessão. Assim, principiou-se pela Acrópole, com a descrição e história dos grandes monumentos — Atena Nike, Propileus, Pártenon, Erecteion — e uma menção sumária das minas menores. Das vertentes da Acrópole citaram-se as grutas pre-históricas, o templo de Asclépios, o *Odeion* de Herodes Ático e o Teatlo de Diónisos e suas relações com o drama clássico. Passando pelo Areópago, pela *Pnyx*, pelos túmulos do *Kerameikos* e pelo monumento corégico de Lisícrates, descreveu-se com mais pormenor a ágoia e as recentes escavações nesse local, o chamado *Theseion*, melhor designado por *Hephaisteion*, a ágora romana, a Torre dos Ventos e a Biblioteca de Adriano.

Do Arco de Adriano se tratou também, pondo em relevo o seu significado na topografia da cidade, de separação entre a parte grega e a romana. Mostraram-se ainda as dezasseis colunas coríntias sobreviventes do templo de Zeus Olímpico e o Estádio, hoje restaurado. A concluir, saiu-se pelo *demos* de Colono, com as evocações literárias que datam de Sófocles, os jardins de Academos, ainda por explorar arqueologicamente, e a imagem multissecular da oliveira de Platão, que, com o seu tronco carcomido e as suas hastes viçosas, parece ser um símbolo da própria vitalidade inextinguível da civilização helénica.

Na segunda sessão, a 1 de Abril, coube a vez a alguns *Lugares Sagrados da Grécia Antiga: Epidauro, Elêusis, Delfos*. Na introdução fizeram-se algumas considerações sobre a religião grega e os seus lugares de culto, apresentando dados sobre as boas relações entre os santuários principais, e o valor destes últimos, especialmente de Delfos, sob o aspecto moralizador. Passando em seguida a Epidauro, falou-se do culto de Asclépios, da casta sacerdotal, e prováveis processos de curia e dos ex-votos, do *tholos*, do templo do deus da Medicina, do ginásio, palestra, dormitórios, termas, e do estádio, que não poderia faltar num lugar onde se congregassem muitos helenos. Com mais desenvolvimento se falou no grandioso teatro e nas suas quase incríveis condições acústicas.

Ao tratar de Elêusis, que foi o lugar estudado a seguir, fez-se uma breve exposição do estado do conhecimento das cerimónias dos mistérios. Depois, historiaram-se as vicissitudes e ampliações sofridas

pelo saniuário, desde os tempos antigos, passando pelos Pisístratos, Péiicles e Licurgo, aos trabalhos dos imperadores romanos — especialmente Antonino Pio — até à destruição. Mostraram-se, em projecções coloridas, os grandes e os pequenos propileus, o poço *Kallichoros* de que fala o Hino Homérico a Deméter, o *Ploutonion*, a via sagrada, a grande sala do *Telesterion*, as muralhas e o lugar do santuário das duas deusas.

Com relação a Delfos, começou-se por descrever a beleza impressionante e solene do local, que muito deve ter contribuído para inspirar aos gregos a ideia da presença de um oráculo. Historiaram-se, resumidamente, as origens do culto e a evolução da crença numa divindade ctônia até à do deus da luz, as guerras sagradas, e o sentido panhelénico do santuário, e sua decadência, até que a Escola Francesa de Atenas o fez ressurgir, graças a um crédito especial votado pelo Parlamento da França, para remover para algumas centenas de metros mais adiante a pequena aldeia que se tinha instalado sobre as ruínas. Terminadas estas considerações, iniciou-se a visita às escavações, seguindo-se o itinerário de Pausânias. Principiou-se, em consequência, pela *Marmaria*, da qual se mostraram, também em projecções coloridas, o *tholos* e o ginásio, e, passando à fonte de Castália, onde os suplicantes se purificavam, seguindo pela via sagrada, ladeada pelos tesouros das várias cidades gregas, fez-se uma paragem mais demorada no dos atenienses, pequeno templo dórico, admiravelmente restaurado pelos arqueólogos, onde a beleza da arquitectura e dos relevos das métopas não é de menos valor que a importância dos dados epigráficos, entre os quais avultam os fragmentos da notação dos hinos a Apoio Délfico, um dos raros testemunhos da música antiga, cujo original se conserva preciosamente no Museu de Delfos. Mais adiante, o pórtico dos Atenienses, igualmente de grande valor para a epigrafia grega, e, pondo de parte outras construções menores, o famoso templo de Apolo, o que é hoje e o que as narrações dos poetas e historiadores nos contam de ontem, sem esquecer as célebres máximas dos sete sábios.

Com a vista do teatro, onde continuam a representar-se tragédias gregas, seguindo a iniciativa feliz do poeta Sikelianos, e a do estádio, onde correram alguns dos heróis de Píndaro e de Baquilides, encerrou-se este curto estudo das ruínas de Delfos.

A concluir este ciclo, fez-se no dia 10 de Maio uma exposição, subordinada ao título *De Creta a Micerias*, a qual foi também acom-

panhada de projecções. Enumeraram-se os diversos problemas respeitantes à civilização minóica e à micénica, especialmente os da origem desta última e grau das suas relações com a precedente. Localizou-se, quanto possível, a cultura cretense, através dos topónimos, falou-se do alfabeto e apontou-se a falta de um, original, entre os de Micenas, e ainda outras características que distinguem este povo do mediterrânico : construções em volta de um *μέγαρον* central, em vez dos labirintos de Minos, traje diverso, espírito guerreiro. Fez-se especial referência aos dados arqueológicos, desde as grandes descobertas de Schliemann e Evans às mais recentes escavações, efectuadas pelas escolas inglesa principalmente.

Com relação a Creta, embora se falasse de *Haghia Triada*, de *Gortyna* e *Phaistos*, concentrou-se a atenção no palácio de Cnossos, de cuja arquitectura, pintura, cerâmica e jóias foram sucessivamente apresem ados exemplos, de molde a dar uma ideia do florescimento e originalidade dessa cultura, eclodida há cerca de três milénios em pleno Mediterrâneo, quase a igual distância dos três continentes do Velho Mundo.

Ao tratar de Micenas, notou-se a semelhança desta civilização com a dos poemas homéricos, pelo menos em grande parte. Mostraram-se fotografias do tesouro de Atreu, da porta das leões, dos túmulos reais, da porta norte, da cisterna onde se guardava a água para ocasiões de assédio, e das ruínas do *Mégaron*. Após uma curta menção do *Heraion*, teatro e templo de Apolo em Argos, passou-se a outro dos grandes baluartes desta época — o palácio de Tirinto, com o seu complicado plano, as galerias monumentais, os frescos, os muros ciclópicos, que constituem uma imagem de força e de solidez, como se fossem a materialização dos alicerces indestrutíveis em que há-de assentar a civilização helénica.

M. H. R. P.

Biblioteca — Foi iniciado o «catálogo analítico» que, embora não apresente o adiantamento desejado, se encontra actualizado em relação a diversas revistas, podendo, no espaço de alguns meses, tornar-se útil aos consulentes. Modernos ficheiros metálicos, completando o mobiliário da sala de leitura, facilitaram o trabalho de ordenação e arrumação das fichas.

Devido aos esforços da Direcção do Instituto e através de permutas com a revista *Humanitas*, prossegue o enriquecimento da biblioteca, cuja secção de revistas conta com mais de uma centena de variedades de grande interesse, na sua maioria, para os estudiosos de Filologia Clássica. Recentemente a nossa colecção foi melhorada pelas seguintes publicações:

- Acta Antiqua* (Academiae Scientiarum Hungaricae) — Budapest;
Atti e memorie dell'Accademia Toscana di Scienze e Lettere —
 Firenze;
Brotéria — Lisboa ;
Bulletin Analytique (Philosophie) — Paris;
Glotta — Göttingen ;
Les Humanités (Classes de Grammaire) — Paris;
Les Humanités (Classes de Lettres) — Paris;
Maia — Firenze;
Minos — Salamanca ;
Pallas (Faculté des Lettres de Toulouse) — Toulouse;
Πλάτων — ᾽Αθήναι;
Revista do Laboratório de Fonética Experimental—Coimbra;
Revista de Portugal (Série A, Língua Portuguesa) — Lisboa;
Rinascimento — Firenze ;
Scientia iuridica — Braga;
Studi Romani — Roma;
Studium Generale (Boletim do Centro de Estudos Humanísticos)
 — Porto
The Phoenix — Toronto.

A. Z.